



Apresentação

MIGUEL RODRIGUES LOURENÇO* | PEDRO LAGE CORREIA**

* Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar (FSCH/NOVA-UAç); Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR-UCP)

** Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL); Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR-UCP);
Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar (FSCH/NOVA-UAç)

A 7 de agosto de 2014 cumpriram-se 200 anos sobre a restauração da Companhia de Jesus pela bula *Sollicitudo Omnium Ecclesiarum* de Pio VII. O “Bicentenário” deu ensejo aos organizadores deste volume para, no âmbito das atividades do Grupo de Trabalho *Expansão Religiosa: Civilizações e Culturas*, redimensionar uma dinâmica de encontros relativos à história da Companhia de Jesus, já em curso desde outubro do ano anterior. Foi desta forma que, no primeiro semestre de 2014, entre 19 e 23 de maio, decorreu o seminário de carácter formativo *Para uma História da Companhia de Jesus: imagens, polémicas e sociabilidades (séculos XVI-XX)*, ministrado por Sabina Pavone; e, a 5 de dezembro do mesmo ano, teve lugar uma jornada de trabalho subordinada à temática *Companhia de Jesus: Contextos Sociais e Relações de Poder (séculos XVI a XIX)*, a qual veio a legar o título do *dossiê* que agora se apresenta.

Através deste ciclo de apresentações e de encontros, bem como pela organização temática deste tomo da *Lusitania Sacra*, o Grupo de Trabalho *Expansão Religiosa* procurou gerar um debate e reflexões em torno de um coletivo que, enquanto agente histórico de forte impacto nas múltiplas trajetórias da História de Portugal, deveria, em ano comemorativo, ter suscitado na sociedade portuguesa uma maior mobilização que aquela que gerou. No contexto das atividades do Grupo de Trabalho, a consciência da transversalidade da Companhia de Jesus no devir do Portugal Moderno impunha a necessidade de uma reflexão mais aprofundada sobre uma instituição que, no contexto da historiografia nacional, motivava uma gama de estudos tão diversa quanto variados foram os cenários sociais, os contextos históricos e os campos de atuação em que esteve envolvida. Num panorama tendencialmente dominado pelo estudo atomizado das missões, pela figura do padre António Vieira e pela antecedência portuguesa no percurso que conduziu à supressão da ordem, importava sistematizar metodologias de investigação e de conhecimento de fundos,

pontuar camadas de representações e de autorrepresentações discursivas, diferenciar processos históricos e identificar estratégias de enraizamento social que sustentaram a realidade coletiva, identitária, religiosa, espiritual da Companhia de Jesus.

A proposta de reflexão inaugura-se com os artigos de Cristina García Oviedo e de Antonio Terrasa Lozano, nos quais são abordadas duas formas distintas de diálogo social mantido entre jesuítas e as elites nobiliárquicas como dispositivo de enraizamento social e cultural nos domínios dos Habsburgo. Se, com García Oviedo, se acompanha o modo como a Companhia de Jesus procurou capitalizar, através de cortesãos portugueses e da figura de Rui Gomes da Silva em particular, redes sociais de apoio constituídas durante a consolidação da ordem em Portugal para expandir a sua presença na província de Castela (assim como as razões para o seu insucesso); com Terrasa Lozano adquire centralidade o capital simbólico da santidade jesuíta como elemento da construção identitária nos discursos nobiliários do século XVII.

Os seguintes dois autores, Leonardo Cohen e Sabina Pavone, proporcionam duas antecâmaras do clima de tensão sentido em diferentes contextos sociais que, ao longo dos séculos XVII e XVIII, contribuirá para criar uma conjuntura favorável à supressão da Companhia de Jesus. Leonardo Cohen procurou, no seu estudo sobre a carta do agostinho frei Manuel da Assunção à Congregação *de Propaganda Fide*, desconstruir as camadas discursivas que, ao longo dos séculos, vincularam o final da missão da Etiópia à intolerância dos jesuítas e, em especial, do Patriarca Afonso Mendes, reconduzindo o debate à temática das rivalidades entre as diferentes ordens religiosas. Sabina Pavone, por seu turno, tomou o tema das expulsões/perseguições como chave de leitura para uma recorrência de experiências societárias da Companhia de Jesus antecedentes da própria supressão.

Em pleno período de expulsão da Companhia de Jesus dos domínios de Portugal, Mar García Arenas deslocou o enfoque dos religiosos propriamente ditos para o conjunto dos seus colaboradores, ao reconstituir os expedientes levados a cabo pelos servidores do hospício de São Francisco de Borja de Lisboa para preservar o património dos jesuítas encarcerados de confiscação pela Coroa.

O *dossiê* conclui com o artigo do padre António Júlio Limpo Trigueiros, SJ, sobre a figura do padre Eusébio da Veiga (1718-1799), selecionado pelo autor para estudo de caso de uma abordagem metodológica aos arquivos e fundos documentais disponíveis para uma prosopografia de um jesuíta português nascido no século XVIII e que conheceu a experiência do desterro na sequência da expulsão pombalina.

Os organizadores deste volume esperam, com esta seleção de artigos, contribuir para uma problematização dos comportamentos societários gerados pela inscrição repentina e acelerada de uma nova ordem religiosa no tecido social, bem como dos desafios que o seu advento colocou aos equilíbrios tradicionais na alvorada da Modernidade.